



Uma chance para o olhar



Curiosidade é boa parceira em uma eventual visita à 7ª Bienal do Mercosul

EDUARDO VERAS

A arte de qualquer tempo vai exigir do público alguma predisposição curiosa, algum desejo de envolvimento. É raro que o cidadão, por mais sensível ou esperto que ele seja, atente para a arte quando não está interessado. Teóricos da percepção têm insistido que, em se tratando do contato com a arte, não existe uma fruição espontânea, inata – uma qualidade que já nasce pronta com o sujeito, como se fosse um dom ou uma bênção. O nosso olhar vai se formando um pouco a cada dia, na medida do nosso contato mesmo com a arte e com a vida. Quanto mais vemos, mais sabemos. E quanto mais sabemos do contexto em que uma determinada obra foi criada, sobre a forma como ela veio a público, sua relação com a cultura, com a História e com a sociedade, mais o nosso olhar se modifica. Não é como se a obra fosse um quebra-cabeça ou um enigma a ser decifrado. É antes como um exercício investigativo, meio detetivesco, em que se soubesse de antemão que sempre haverá uma parte insolúvel no mistério. Cabe ao público, formado tanto por gente leiga quanto por críticos especializados, prolongar o ofício do artista. Em um artigo no distante ano de 1957, o francês Marcel Duchamp já advertia: é o espectador quem “refina” a obra, é ele quem extrai açúcar do melado que o artista oferece.

Claro que tudo isso vai exigir algum esforço, uma inclinação generosa. Vale tanto para quem examina a Mona Lisa (não por acaso até hoje se discute o sentido de seu enigmático sorriso sem que se encontre uma solução) quanto para quem visita uma Bienal. Claro que, na Bienal, em se tratando de arte contemporânea, a coisa se torna ainda mais complicada. É sabido que a arte contemporânea – com forte pendor para os segredos e até mesmo para o não-entendimento – delicia-se com suas contradições e suas exigências.

Não se trata obviamente de sugerir que, olhando bem, tudo vai nos encantar, qualquer obra se tornará admirável e profunda. Com frequência, diante de um olhar indagador, o sabor se revela amargo, banal ou mesmo tolo. Essa avaliação, porém, só será possível se houver, antes dela, uma atitude interrogativa, algum tipo de envolvimento.

Esse prelúdio todo é para argumentar que a 7ª Bienal do Mercosul, inaugurada há duas semanas, não é uma Bienal de adesão fácil. Anunciada como a primeira Bienal quase inteiramente cura-



No fundo da nave central do Margs, na Praça da Alfândega, o paine

da por artistas (dos 10 curadores, nove são artistas), ela não oferece caminhos muito claros para a entrada. Há uma espécie de confusão deliberada no projeto: dezenas de propostas convivem ao mesmo tempo, se desdobram umas das outras, se sobrepõem e se embanalham, sem hierarquia evidente. Parece que a ideia é, de alguma forma, evocar o próprio processo de criação artística, com seus avanços e recuos característicos. O processo criador, de fato, fora anunciado como um dos eixos conceituais desta Bienal, sob o título de Grito e Escuta. O outro princípio anunciado, ligado ao primeiro, seria a noção de que artistas são atores sociais, potenciais produtores de reflexão crítica. Daí um certo viés político, às vezes panfletário, quase sempre à esquerda ou meio anárquico, pairando sobre esta 7ª Bienal.

Nessa desordem programada, a exposição em si deixa de ser o eixo. A Bienal expandida compreende programas de rádio, anúncios de jornal, cartazes impressos, iluminações noturnas pelas ruas da cidade, performances em parques, praças e outras áreas públicas. A argentina Victoria Noorthoorn, curadora-geral da Bienal ao lado do chileno Camilo Yáñez e a única não-artista entre os curadores, chegou a declarar para ZH que as pessoas não precisariam sair de casa para se sentir na Bienal (bastaria sintonizar a Rádio Visual, diariamente, na FM Cultura, pouco depois das 22h). Claro que a exposição em si – no Margs, no Santander e em quatro

armazéns do Cais do Porto – continua sendo o ponto maior de referência. É para lá que a gente vai quando diz que vai visitar a Bienal.

Desses, o Margs, na Praça da Alfândega, é o lugar ao qual tenho vontade de voltar mais vezes. Está ali a exposição *Desenhos das Ideias*, com curadoria de Victoria Noorthoorn. A mostra trata de desenho. Tanto na escolha dos trabalhos quanto na sua forma de apresentação, é austera e elegante. Convida ao silêncio e à contemplação. Grande parte dos trabalhos são em preto-e-branco. Mesmo aqueles que sugerem explosões em vermelho – seja a expansão geométrica do mexicano Abraham Cruzvillegas, seja o abstracionismo livre do venezuelano Arturo Herrera – guardam uma certa sobriedade. Há engenho nas aproximações sugeridas pela curadora, quando ela posta, por exemplo, os bem-humorados esboços de esqueletos de Oswaldo Goeldi entre as gravuras do belga James Ensor e as caricaturas do argentino Fermín Eugúa, ou quando ela reúne na mesma sala o brasileiro Walmor Corrêa, a alemã Nina Lola Bachhuber, o colombiano José Antonio Suárez e o uruguaio Ricardo Lanzarini, desenhistas caprichosos, exigentes, merecendo um olhar mais demorado.

Também estão no museu alguns dos trabalhos mais fascinantes de Cildo Meireles, figura maior do conceitualismo do Brasil, destacando-se os seus três célebres estudos para tempo, espaço e espaço/tempo, que funcionam como



Transgressão programada: na obra do chileno Martinat, grupos organizados têm hora para pichar



Espera pela surpresa: no trabalho da mineira Rosângela Rennó, a obra só aparece quando há vapor



Curadoria espaçosa: na mostra “Absurdo”, o cenário de areia compete com as obras que pretende valorizar



ADRIANA FRANCOIS

criado pelo artista paulista **Iran do Espírito Santo** parece prolongar o espaço

O abandono transbordado

O sargento Damião Mendonça, 52 anos, presta serviço de guarda, diariamente, das seis da manhã ao meio-dia, diante do Comando Geral da Brigada Militar, na Rua da Praia, Centro de Porto Alegre. Provavelmente não há ninguém que passe mais tempo do que ele diante de *Tapume*, uma das obras que a 7ª Bienal do Mercosul apresenta fora dos espaços mais tradicionais de exposição.

Tapume está do outro lado da rua, bem na frente do Comando Geral da Brigada. Trata-se de uma intervenção artística em uma casa abandonada. Parece um organismo vivo brotando do interior do velho sobrado. É a peça que ZH, em reportagem publicada há três semanas, apelidou de "Casa Monstro", em alusão ao filme de animação de mesmo nome, exibido nos cinemas em 2006 – aquele do casarão que, desperto e furioso, pretende devorar as pessoas e a cidade.

O título original da obra da Bienal, *Tapume*, refere-se ao material utilizado na concepção do trabalho: refugos de compensado, recolhidos da construção civil. Era isso, também, o que havia na fachada da casa quando o artista plástico paulista Henrique Oliveira, 36 anos, chegou ali: o prédio de três andares, que já teria funcionado como colégio, pensionato e residência, estava vazio e fechado, oculto atrás de um tabique de madeira.

Conta o sargento Mendonça que a intervenção, antes mesmo de ficar pronta, na metade de outubro, às vésperas da abertura da Bienal, já vinha chamando a atenção dos passantes:

- As pessoas chegam a parar o carro para ver. Muito gente fotografa. Ninguém fica indiferente.
- Alguém lhe pergunta o que é isso? – quer saber a reportagem de ZH.
- Muita gente.
- E o que o senhor responde?
- Que é uma obra de arte da Bienal feita por um artista de São Paulo.

- E o que as pessoas comentam?
- Que é bonito, que é impressionante.
- Tem gente que reclama?
- Poucos. Eu diria que, no máximo, dois ou três por cento dos que passam por aqui.
- O que mais as pessoas dizem?
- Uns falam que é uma bolha. Outros que são corpos entrelaçados. Para mim, não parece nada disso.
- O que lhe parece?
- Não tenho ideia. Não sei o que se passava pela cabeça do artista quando ele fez isso.
- O senhor conversou com ele?
- Conversei. Acompanhei tudo desde o início da montagem. Vi tudo. O custo foi baixíssimo. É tudo madeira reaproveitada. Eu, inclusive, achei o resultado muito bonito. Mas, que é estranho, é. Conversei com o artista, mas ele não quis abrir para mim. Acho que ele pretende que as pessoas tirem as suas próprias conclusões.

– E quais são as suas conclusões?

– Acho que ele queria chamar atenção para a casa. É uma casa velha, tão bonita, e há tanto tempo abandonada. É como se o abandono estivesse saindo para fora.

Erguida entre o final do século 19 e o início do 20, a Casa Monstro já foi conhecida como Casa dos Leões, em razão de duas estátuas postadas no alto do portão de entrada, hoje recolhidas. No início da década de 1990, a prefeitura cogitou instalar ali as duas pinacotecas municipais. Por falta de verbas, o projeto nunca avançou.

A Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura informa que, terminada a Bienal, no final de novembro, a intervenção de Henrique Oliveira será desmontada. A casa, que pertence à prefeitura, está em processo de tombamento. Restaurada, deve acolher, possivelmente, um centro de dança.

convites líricos para se pensar onde estamos e quando estamos.

Ao fundo da nave central do edifício, um impressionante painel de Iran do Espírito Santo prolonga a arquitetura e faz vibrar a parede. Trata-se de um dégradé de cinzas de efeito hipnótico, construído (ao contrário da maior parte das obras presentes no Margs) especialmente para a Bienal.

No Cais do Porto, algumas quadras adiante, o quadro geral é menos animador – sobretudo em se comparando com as últimas Bienais, particularmente a sexta, de 2007, e a quinta, de 2005. Na mostra Absurdo, a montagem, com toneladas de areia tomando todo o Armazém A3, concorre com as obras mesmas, quase as anula. Na mostra Árvore Magnética, um trabalho como o do peruano José Carlos Martinat não sugere grande avanço nem mesmo no debate sobre a absorção da linguagem das ruas pelos espaços da arte. O artista con-

vida os visitantes a pichar mensagens de protesto em réplicas de monumentos e logotipos de grandes empresas. Mas só determinados grupos, previamente contatados, e apenas em horários agendados. Será que transgressão autorizada transgredir alguma coisa?

Não saio do Cais do Porto com vontade de voltar o quanto antes. Claro que há trabalhos que empolgam. Espero que a Experiência de Cinema, belíssima projeção de Rosângela Rennó, em que se precisa da efemeridade da neblina para enxergar alguma coisa, esteja funcionando na próxima visita.

É certo também que um olhar que se pretenda curioso precisará voltar muitas vezes à Bienal, inaugurada há apenas duas semanas. Quem sabe, com sorte, poderá se surpreender. A Bienal segue até 29 de setembro, de terças a domingos. A entrada é franca.

• eduardo.veras@zerohora.com.br

Na obra **Tapume**, criada por Henrique Oliveira, volumes de madeira brotam de sobrado na Rua da Praia



EDUARDO SEIX, INICIANDO O DIA, DIVULGAÇÃO

MUDANDO COM VOCÊ.



